

«SEARA NOVA» N.º 1470

A sair em Abril.... de 1968

Provas enviadas à Censura em

13... de Março de 68..



Documentos Políticos — (Seara Nova)

MARTIN LUTHER KING:

«EM CONSCIÊNCIA»

Durante estes dois últimos anos, quando deixei de trair pelo meu silêncio e proclamei o que senti, pedindo que deixassem de destruir o Vietname, muita gente pôs em dúvida a razoabilidade da minha posição. Uma pergunta, uma só, mas resumindo em si todas as inquietações, era-me então feita sistematicamente: «Por que é que o senhor Dr. King, toma partido nesta guerra? Por que junta a sua voz às da oposição? Exigir a paz no Vietname e reivindicando os direitos cívicos para os negros são coisas bem distintas. Não estará o senhor prejudicando a causa do seu povo?»

Compreendendo embora a razão destes receios, não fico por isso menos entristecido, pois estas perguntas revelam que quem as faz ignoram quem eu realmente sou, qual a minha posição e qual o meu testemunho. E, o que é mais, estas questões sugerem que os meus interpeladores não conhecem o mundo em que vivem.

Perante um mal-entendido tão trágico, penso ser primordial explicar clara e sucintamente a razão pela qual o caminho que, um dia, tomei na igreja baptista de Dexter Avenue — a igreja em que iniciei como pastor, em Montgomery, no Alabama — me conduz necessariamente esta noite ao santuário em que nos encontramos.

★

Se falo hoje nesta sala é para acusar veementemente a minha querida nação. O meu discurso não se dirige a Hanoi, nem à Frente Nacional de Libertação. Nem à China. Nem à Rússia. Também não pretendo perder de vista a ambiguidade da situação no seu conjunto, nem o facto de não existir presentemente nenhuma solução susceptível de granjear a unanimidade para pôr termo à tragédia do Vietname. Tão pouco pretendo fazer do Vietname do Norte ou da F.N.L. modelos de virtude. Mas não esqueço a con-

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

«SEARA NOVA» N.º 1470

A sair em Abril... de 1968

Provas enviadas à Censura em  
..13..de Março..de..68..



tribuição que ambos podem dar para uma solução justa do problema. E uma vez que ambos têm, decerto, excelentes razões para porem em dúvida a boa-fé dos Estados Unidos, deverão lembrar-se que a história e a vida demonstram à saciedade que os conflitos nunca se resolvem sem que cada parte se empenhe nisso com lealdade.

No entanto, esta noite, não me quero dirigir nem a Hanoi, nem à F.N.L., mas aos meus compatriotas, pois é a eles — como a mim mesmo — que cabe a maior parte da responsabilidade do desfecho dum conflito que faz pagar um pesadíssimo tributo aos dois povos envolvidos.

★

Sendo pregar a minha profissão, penso que ninguém se surpreenderá perante as minhas muitas razões para trazer o Vietname ao campo da minha visão moral. Para já, existe uma relação evidente entre a guerra do Vietname e o combate que conduzimos na América. Há alguns anos, um vislumbre de esperança parecia iluminar este combate. Todas as esperanças pareciam lícitas aos pobres — brancos e negros — graças ao programa da luta contra a pobreza. Encetaram-se experiências cheias de promessas e os acontecimentos mostravam-se favoráveis. É então que a América se lança na guerra do Vietname; e foi então que eu vi a luta contra a pobreza ser desmantelada e castrada, como se se tratasse de um qualquer jogo político tronado inútil, numa sociedade atingida pelo delírio bélico. Foi então que compreendi que a América nunca investiria os fundos e as energias necessárias à reabilitação dos seus pobres, enquanto as aventuras, como esta do Vietname, continuassem, como uma máquina diabólica de destruição, a sugar homens, energias e capitais. E foi assim que, cada vez mais, fui impellido a ver na guerra o inimigo directo dos pobres e a atacá-la como a um inimigo meu. Mas o momento mais trágico desta descoberta foi, talvez, quando vi claramente que a guerra, não só arruinava as esperanças dos pobres, mas que

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

«SEARA NOVA» N.º 1470

A sair em Abril... de 1968

Provas enviadas à Censura em

13... de Março de 68.



exigia os filhos dos pobres, os irmãos dos pobres, os maridos dos pobres, para lutarem e morrerem numa proporção bem maior do que a do resto da população. Era pegar nos jovens negros, já despedaçados pela nossa nossa sociedade, e enviá-los a doze mil quilómetros dos seus lares para defenderem liberdades que nunca tiveram, nem na Geórgia, nem em Harlem. Irónicamente, vemos todos os dias nos «écrans» da televisão soldados brancos e negros matarem e morrerem juntos, por uma nação que se mostrou incapaz de os fazer sentar na mesma sala de aula. Vemo-los, unidos numa solidariedade bárbara, queimar os casebres de uma pobre aldeia, mas, simultâneamente, sabemos que esses homens nunca habitaram o mesmo prédio em Detroit.

Não posso calar-me, quando tão cruelmente se maltratam os pobres.

★

A terceira razão da minha posição supõe uma tomada de consciência mais dolorosa — a que ressalta da minha experiência dos ghettos do Norte, nestes três últimos anos e, sobretudo, nestes três últimos Verões. Estive no meio de homens desprezados e desesperados, homens em cólera, e disse-lhes que os «cocktail Molotov» e as armas não resolveriam nada. Tentei comungar verdadeiramente da sua infelicidade, continuando convencido de que a acção não-violenta era a mais eficaz para produzir alterações sociais. Mas esses homens perguntaram-me, com toda a razão, se isso não valia também para o Vietname; perguntaram-me se a nossa pátria não tinha recorrido à violência sistemática para produzir as alterações desejadas.

Estas questões calaram fundo em mim.

Compreendi que nunca mais poderia elevar a voz contra a violência dos oprimidos dos ghettos sem ter primeiro denunciado o principal apóstolo da violência do mundo de hoje, o governo da minha própria nação.

No interesse dos soldados, no interesse do governo, no interesse de centenas de milhares de pessoas que tremem sob a nossa violência, não posso calar-me.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

«SEARA NOVA» N.º 1470

A sair em Abril..... de 1968

Provas enviadas à Censura em

..13..de Março..de..68..



Falarei ainda da intenção daqueles que me recordam ser eu um dos responsáveis do movimento dos direitos civicos, esperando assim impedir-me de militar pela paz. Quando, em 1957, o S.C.L.C. (South Christian Leadership Conference) nasceu, escolhemos para sua divisa: «salvar a alma da América». Estávamos então convencidos de que não podíamos limitar as nossa perspectivas à reivindicação de certos direitos para os negros; por isso afirmávamos que a América nunca seria livre, nem salva das suas próprias tentações, enquanto os descendentes dos escravos não tivessem sido completamente libertos de todas as cadeias que ainda hoje os tolhem. Fazíamos nossa a palavra de Langston Hughes, o bardo de Harlem:

«Sim,

Digo-o abertamente:

Para mim, a América nunca foi  
[a América.

E, no entanto, garanto-vos:

A América sê-lo-á.»

Tornou-se já evidente para todos aqueles que de algum modo se sentem preocupados pela integridade e pela própria vida da América de hoje, que não se pode ignorar a guerrar actual. Se a alma da América for mortalmente envenenada, a autópsia mostrará que o Vietname foi a causa principal. Enquanto a América for a destruidora das esperanças enraizadas no coração dos homens de todo o Mundo, ela não salvará. E os que tomaram já partido pela América futura, foram levados, pela força das circunstâncias, ao protesto e ao desacordo; e é assim que participam na cura do nosso país.

★

Como se todas estas razões não fossem suficientes para me preocuparem com a vida e a saúde da América, novas responsabilidades me foram confiadas em 1964. Com efeito, não posso esquecer que o Prémio Nobel da Paz tem uma missão, a de trabalhar, agora mais do

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

«SEARA NOVA» N.º 1470

A sair em ..Abril... de 1968

Provas enviadas à Censura em ..

..13.. de ..Maio... de ..68...



que outrora, pela fraternidade entre os homens. Mesmo que este apelo para ultrapassar as fidelidades meramente nacionais me não tivesse sido dirigido, ter-me-ia sido necessário seguir o meu compromisso ao serviço de Jesus Cristo. A relação desta posição com a edificação da paz é, a meu ver, tão evidente que, por vezes, me surpreende que me perguntem por que razão me declaro opositor da guerra. Será possível que ignorem que a Boa Nova se dirige a todos os homens — aos comunistas e aos capitalistas, aos seus filhos e aos nossos, aos brancos e aos negros, aos revolucionários e aos conservadores? Será que esquecem que o meu cargo deve ser exercido de harmonia com os ensinamentos d'Aquele que tanto amou os seus inimigos que morrem por eles?

Como fiel servidor de Jesus Cristo, que devo dizer ao Vietcong, a Castro ou a Mao? Devo ameaçá-los com a morte ou devo dar a vida por eles?

Finalmente, tentando rememorar — para vós como para mim mesmo — o itinerário que me trouxe de Montgomery até aqui, eu poderia tudo resumir se dissesse simplesmente que a minha convicção é a de que se deve partilhar com todos os homens a nossa vocação de filhos de Deus e que o meu procedimento deve seguir esta fé. Além das solidariedades de raça, de nação ou de religião, existe esta vocação de filhos e de irmãos — e é porque creio que Deus se inquieta especialmente com o sofrimento dos seus filhos pobres e desprezados, que venho falar esta noite em nome deles. Isto é um privilégio, mas é também a abrigação de todos aqueles que se sabem ligados por solidariedades e fidelidades mais vastas e profundas do que o nacionalismo e que, desse modo, ultrapassam a situação actual da nossa nação e os objectivos que ela se propõe. Somos chamados a emprestar a nossa voz aos fracos, aos que não podem gritar, às vítimas da nossa nação, a todos aqueles que ela considera inimigos — porque não está dentro das possibilidades de ninguém impedir que esses homens sejam nossos irmãos.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO